

O barracão de zinco pede passagem: novos usos no centro da cidade

Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira¹

Resumo: Este estudo procura analisar alguns aspectos que foram significativos no processo de transformações ocorrido na Praça XV de Novembro, situada em Prata, Minas Gerais.

Palavras-chave: História Social. Preservação. Paisagem Urbana.

Abstract: This dissertation aims at analyzing some meaningful aspects related to the transformations that occurred at the “Praça XV de Novembro” (XV of November Square), located in the city of Prata, Minas Gerais State.

Keywords: Social History. Heritage. Urban Landscape.

Muitos pesquisadores têm se interessado pelo espaço da praça como temática de estudos devido às várias vertentes de análise que apresenta, pois como espaço de socialização, convívio, lazer e trabalho, foi e continua sendo palco de acontecimentos comuns ao cotidiano de seus frequentadores representando a realidade vivida por eles de um modo geral. Nelson Saldanha² define a praça:

como um espaço amplo, que se abre, na estrutura interna das cidades, como uma confluência de ruas, ou de qualquer sorte uma interrupção nos blocos edificados. Um espaço onde em geral se encontram árvores, bancos, eventualmente monumentos, em alguns casos pequenos lagos artificiais. (...) a praça integra organicamente o conjunto formado pela cidade, mas ao mesmo tempo “está” nele como um espaço – quase uma clareira – surgido pelo distanciamento entre determinadas porções construídas. A praça “nega” a continuidade das edificações, mas ao mesmo tempo ela é, em certo sentido, a essência da cidade. (SALDANHA, 1993: 13-14)

Saldanha enxerga a praça como o espaço público, obra do viver social permeado pelas relações que se desdobram nesse viver, sendo as mesmas de ordem econômica, política ou de criação cultural. Essa idéia de praça também se encontra presente na narrativa de Cícero³:

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

² Ver: SALDANHA, Nelson. op. cit. p. 13.

³ Cícero Alves Junqueira, 47. Entrevistado em 24/06/2004.

A praça, para mim, tem um significado especial porque era um local de convivência, onde ao entardecer me encontrava com os amigos para as brincadeiras da minha meninice. Quando jovem, o lugar apropriado para as conversas e as paqueras. Quando adulto, para lá sempre me dirigia passeando com meus filhos e minha esposa depois de um dia de trabalho⁴

A praça que emerge das suas lembranças apresenta as mesmas características e finalidades ressaltadas por Saldanha, principalmente se observarmos algumas práticas que ali ainda ocorrem. Percebe-se que apesar de ter perdido um pouco a sua função como local de lazer e sociabilidade, em determinadas épocas do ano ela volta a servir de atrativo para seus freqüentadores. A realização do Carnaval de rua é um exemplo a ser citado. Durante esse evento, além de seus moradores, a cidade recebe visitantes de outras localidades, alguns deles, filhos da “terra” que se mudaram para outras paragens em busca de realização profissional ou outras oportunidades oferecidas pelos centros urbanos mais desenvolvidos. Nas férias do mês de julho são montadas “barraquinhas” durante a festa da padroeira. Em janeiro é a vez de se louvar São Sebastião. São realizadas novenas na Igreja Matriz cuja culminância são as procissões e a queima de fogos. Práticas de sociabilidade, lazer e trabalho permeiam as relações que se desdobram naquele ambiente.

Observando outras praças principalmente nas grandes cidades, vemos que a instalação de quiosques comerciais, como ocorre em Prata, é uma característica que se tornou comum na atualidade. Essa realidade é resultante da conjuntura de crise pela qual o país passa e que é ocasionada pela insegurança da política econômica vigente ou pelos vários planos econômicos implementados ao longo de todos esses anos, numa tentativa de solucionar os problemas. Devido a essa crise, algumas pessoas não conseguem trabalho no setor formal. Essa população sofrida, que é submetida aos desmandos da política local e nacional parte para a informalidade buscando uma maneira de suprir suas necessidades básicas de sobrevivência. É nessa conjuntura de crise que essas pessoas vão articular suas práticas de vida.

Para compreender essa questão do trabalhador informal no espaço da praça, procurei conhecer as regras que norteiam a utilização desses espaços públicos por esses trabalhadores e, após algumas investigações, pude concluir que, tais regras são diferenciadas. Em relação aos motoristas de táxi, segundo o depoimento de Américo Souza Arantes, “Leco”⁵, um taxista que trabalha na praça há mais de dez anos, o regulamento constitui no seguinte:

⁴ Cícero Alves Junqueira. Entrevistado em 30/07/2004..

⁵ Américo de Souza Arantes, 55. Entrevistado em 20/07/2004.

A minha trajetória de taxista aqui na praça aconteceu em duas etapas. A primeira foi em 1977, fiquei um ano e abandonei a carreira. Quando foi em 1994, eu comecei novamente. Faz dez anos que eu sou taxista e sempre trabalhei aqui na praça. Eu comprei o ponto de táxi, porque funciona assim: pra você adquirir um ponto de táxi, você tem que comprar de terceiros, né? Porque a Prefeitura não está mais fazendo leilão de placas. Quando está faltando táxis na cidade, faz um pedido pro prefeito, que encaminha o pedido pra Câmara e a Câmara põe tantas placas à disposição do povo e faz a licitação. Como não está precisando de táxi, porque táxi tá até sobrando, então a gente tem que comprar de terceiros, com eu fiz. Comprei o ponto do Zé Vieira, que foi taxista aqui por mais de trinta anos. Comprei o ponto dele e coloquei o táxi que trabalho com ele até hoje, aqui na Praça XV de Novembro.⁶

O serviço de táxi possui tradição ali e, segundo Leco, além de ser o seu local de trabalho também é onde convive com os amigos debatendo sobre os assuntos políticos locais. Ele diz que:

Como retorno financeiro, foi muito bom... foi muito bom! Antes de vir essa moto-táxi pra cidade. Pra trás tava bom. Eu trabalho pra seguradora. Quando dá um acidente na rodovia, eu levo o passageiro pro destino dele. O guincho leva o carro e eu levo os passageiros para o destino que elas estavam indo. Mas dentro da cidade, tá muito fraco o movimento. As moto-táxi que entraram tirou o ganha-pão.⁷

Quando o assunto é política, no entanto, Leco se empolga. Diz que já se candidatou por três vezes a vereador e perdeu nas três:

Inclusive eu falo até que nasci pra votar e não ser votado.” (risos) É, aqui a gente vai criando amizades com o tempo. Eu gosto duma política. Quando o candidato é da cooperativa, eu tô junto... quando é do sindicato, eu tô junto... da prefeitura, tô junto. Pra deputado também, eu tô sempre trabalhando pra eles. Então eu adquiri amizade com aquele povo que envolve com a gente também. Por isso, se eu estou aqui... eles vêm sempre pra conversar comigo. Eu não estando, eles não vêm, porque eu dou mais liberdade pra eles quanto a esse assunto e os outros taxistas não gostam muito disso. (ARENDRT, , 1981: 59-60)

A relação de Leco com a política ajuda a compor a história da cidade. Quando se realizam eleições, ele sempre se coloca a favor de um candidato a ponto de apostar dinheiro na sua vitória. Já perdeu somas altas com elas, mas afirma que faz isso porque: “*entusiasmo a gente mais... pra trabalhar pro candidato. Quando ganha o prefeito que você está apoiando, você ainda ganha aquela beradinha. Mas quando a gente perde também, é ruim, né?*”. (Arendt, 1981: 59)

No caso do Leco, podemos dizer que, além de taxista, ele também exerce a função de cabo eleitoral com ponto fixo na Praça XV de Novembro e já é considerado uma figura pitoresca naquele local. Para ele, Além de ser o local de trabalho, é também onde ele se reúne com os amigos para discutir assuntos políticos, contar casos e se divertir. Ele consegue atrair

⁶Américo de Souza Arantes.

⁷ Idem.

para o seu redor uma clientela considerável e fiel, pois alguns para lá se dirigem diariamente buscando se inteirar das novidades, e então, a praça cede seu espaço para que se desenvolvam ali relações de convivência que antes eram restritas ao âmbito do espaço privado. Sobre as características do espaço público Hanna Arendt ressalta que, desse modo, ele passa a construir um “*mundo comum entre os homens*”. (ARENDR, 1981: 59-60)

Para Arendt, a história do mundo moderno poderia ser descrita como a história da dissolução do espaço público o que, conseqüentemente, levou à perda de um mundo comum. Esse fator acabou resultando na privação de um mundo compartilhado de significados onde as ações e palavras de cada um eram formadoras de uma história comum. Contrapondo-se ao panorama descrito por Arendt, surge a figura do taxista Leco, que fez da Praça XV de Novembro o local onde se desenrola sua vida pública. Esse local adquire uma importância significativa no seu cotidiano, principalmente no que diz respeito à prática de influência na esfera pública. Segundo suas palavras, com o decorrer do tempo ele foi desenvolvendo laços de amizade com as pessoas que passaram a freqüentar o ponto de Táxi interessadas nos debates políticos que ali sempre ocorrem. Para ele, isso se deve ao seu “gosto por política”. Por estar sempre interado dos embates nas campanhas eleitorais, acredita que ao expor sua opinião num espaço de visibilidade pública, pode influenciar algumas pessoas quanto ao seu poder de voto, contribuindo assim, para o desenvolvimento da cidade. Neste sentido, Arendt salienta que:

a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de algo é visto e executado [...] A realidade da esfera pública conta com a presença simultânea de inúmeros aspectos e perspectivas nos quais o mundo comum se apresenta e para os quais nenhuma medida ou denominador comum pode jamais ser inventado [...] Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes. É esse o significado da vida pública. (ARENDR, 1981: 70)

Então, podemos pensar que as ações de Leco contribuem para articular os indivíduos em torno daquilo que eles julgam como interesses comuns que são a base para a construção de um mundo comum, o qual é resultado dessas práticas de sociabilidade que só o espaço público pode proporcionar. No entanto, na construção desse mundo, a pluralidade dos pontos de vista não devem ser deixadas de lado, mas devem servir de ponto de partida para reflexões que busquem alcançar objetivos comuns. Somente por meio da experiência da pluralidade é que o mundo pode se constituir “*como medida que transcende a vida pessoal de cada um*”.

A Praça XV se localiza no centro da cidade e, conforme nos diz Jerôme Monnet, ela acaba por se tornar um “*lugar comum*”⁸ pois ao mesmo tempo em que é partilhado fisicamente é também um símbolo da participação em uma comunidade urbana. Cada ator social, cada grupo de interesse aciona uma estratégia de controle desse espaço procurando usufruir, da melhor maneira possível, das vantagens que o local pode lhe oferecer:

O centro da cidade é um 'lugar comum', ou seja, ao mesmo tempo partilhado fisicamente e um símbolo da participação em uma comunidade urbano (regional ou nacional, no caso dos centros administrativos e das capitais). Os animadores culturais, os comerciantes, os turistas, os habitantes, os poderes públicos, cada um no que lhe concerne, intervêm para tirar melhor proveito da cidade. Mas uma dimensão essencial do centro é justamente ser vivido como um espaço de confronto, de contato, de mistura, enquanto as estratégias de certos atores podem tender a uma apropriação exclusiva do centro em detrimento dos usos e representações sociais do centro que o institui como tal e lhe dá valor econômico, cultural e político que leva cada ator a se apropriar dele, correndo o risco de aboli-lo como centro. (MONNET, 1991: 230)

Os novos usos atribuídos à Praça XV encontram-se em conformidade com as características expostas pelo autor, pois, quando a discussão é direcionada para o conflito que surge quanto à legitimidade do ocupante do centro – se o comércio ambulante ou o patrimônio – percebe-se uma articulação dos políticos que tratam o patrimônio como um instrumento de mobilização nacionalista e de legitimação de poder. A postura do poder público com tal atitude pode ser caracterizada como uma prática de clientelismo pois, em relação aos quiosques, a regra é diferente da adotada para os taxistas. Para instalar-se naquele espaço público, o indivíduo necessita apenas pagar um alvará e uma pequena taxa de utilização do terreno.

Contudo, pode-se considerar também que o comércio ambulante é uma válvula de segurança econômica e social decorrente da instabilidade econômica, a qual não é responsável apenas por levar o trabalho informal para a praça, mas também pelas transformações que ocorrem em relação aos estabelecimentos comerciais que se localizam no seu entorno. Procurando se adaptar às várias medidas que são tomadas pelos governos que se alternam, alguns cidadãos promovem uma substituição das atividades comerciais.

A conjuntura econômica instável do país levou as pessoas a buscarem novas formas de adaptação à realidade e, segundo os depoimentos, também é essa a causa que incentivou os trabalhadores informais a buscarem o espaço da praça como alternativa de fonte de renda. Antes de os quiosques serem instalados no referido local, o comércio de bebida se realizava em alguns bares localizados no seu entorno. Um deles oferece até hoje,

⁸ Em relação a esse assunto, ver: MONNET, Jerôme. *O Alibi do Patrimônio: Crise, Gestão Urbana e Nostalgia so Passado*. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, RJ, n. 20, p. 227, 1991.

praticamente os mesmos serviços de outrora: o Bar Caiçara situado na esquina noroeste da praça. Segundo Amador, antigamente:

o movimento era concentrado somente no nosso bar. Hoje eu fico pensando... como é que cabia, né? O retorno financeiro era muito bom! Hoje o Sérgio⁹ ta com dificuldade pra manter o bar, lá. Naquela época, éramos nós dois, dava pra gente manter e ainda fazer alguma coisa. Hoje mudou muito, o comércio caiu demais!¹⁰

O depoente foi um dos donos do Bar Caiçara por 25 anos e se diz testemunha de duas épocas da Praça XV de Novembro:

Eu vi uma época e vi outra época que é a de hoje, né? Nesses vinte e cinco anos, o que eu vejo é um pouco... lembranças do passado... um povo mais pacífico, a praça mais calma, tudo acontecendo em função da praça. Eu sinto saudade daquela praça antig..., daquela época. Hoje eu vejo um povo mais voltado para o materialismo, uma correria danada, ninguém conversa, ninguém se fala. O pessoal ta mais voltado pro trabalho... chega uma determinada hora que tudo morre lá na praça, acaba o movimento. Ninguém senta mais nos bancos pra jogar conversa fora. Tem movimento no horário em que os bancos ficam abertos, a prefeitura funciona... Depois o movimento vai tudo lá pra cima. De vez em quando você passa lá, por volta das dez horas, e dá até uma tristeza, sabe? De ver o que era antes e o que é hoje.¹¹

O depoimento acima nos levou a questionar a política salarial adotada pelo governo nas últimas décadas. Várias categorias do funcionalismo público e privado se vêm sem aumento há pelo menos dez anos. Contudo, o custo de vida continuou aumentando. Os reajustes aplicados na tabela dos derivados de petróleo, desencadeou, automaticamente, o aumento de outros gêneros de subsistência e sendo assim, o trabalhador, para conseguir sobreviver se viu obrigado a aumentar a carga horária de trabalho, assumindo mais que um emprego. A correria decorrente dessa aceleração da “vida moderna” fez com que as pessoas reservassem cada vez menos tempo para a prática de atividades de lazer. Como consequência disso ocorreu o esvaziamento do espaço público.

Quanto aos vendedores ambulantes a pesquisa nos mostrou que eles se deslocam para a praça, principalmente, durante a realização de eventos em que ocorre grande concentração de pessoas. Durante o carnaval, além dos carrinhos de cachorro- quente e pipoqueiros; barracas provisórias, as quais são exploradas pelos comerciantes dos bairros, são instaladas no espaço da praça. Toda uma estrutura de barzinhos é montada para atender a população, tanto da cidade quanto visitantes, porém esse tipo de comércio só ocorre na temporada de carnaval.

Segundo o Sr. Guilherme, o primeiro pipoqueiro ambulante que trabalhou, e ainda trabalha na Praça XV, ele começou a vender pipoca em um carrinho de madeira. “*Eu punha a pipoca na lata, saía pras ruas e vendia*”¹². Um tempo depois, comprou, de segunda mão,

⁹ Sérgio Luiz Felisbino. Atualmente é o único dono do Bar Caiçara.

¹⁰ Amador Vieira Arantes, 51. Entrevistado em 21/07/2004.

¹¹ Amador Vieira Arantes.

¹² Guilherme Valeriano, 84. Entrevistado em 04/02/2003.

um carrinho de algodão tocado no pedal. Mas a máquina de algodão doce apresentou problemas e ele a retirou voltando a vender pipoca. Quanto ao motivo que o levou a desenvolver a atividade de vendedor ambulante, ele diz o seguinte:

Eu era pedreiro, trabalhava durante o dia. À noite, eu pegava o carrinho de pipoca e ia pra praça e ficava lá até uma três horas da madrugada... chegava em casa lá pelas quatro... Entrava ano... saía ano... essa era a vida que eu levava. Eu comecei a vender pipoca pra completar a renda, porque pedreiro ganhava pouco.¹³

Assim que começou, trabalhava sozinho, porém, atualmente enfrenta concorrência, pois as pessoas são também atraídas pelo que oferecem os outros quiosques ali instalados. Ele diz que:

Tinha dia que eu nem dava conta de atender o povo... formava fila grande pra comprar pipoca. A minha pipoca é especial porque ela é tratada. Eu lavo o milho, boto ele pra seca de novo porque eles usam muito agrotóxico e isso faz mal pro povo. Agora, hoje, os ambulante aumentou demais e vende de tudo. Tem dia que nem vale a pena empurrar o carrinho até lá. Não paga a energia que eu gasto empurrando...

Uma crise econômica foi o fator responsável por levá-lo a trabalhar na praça. Hoje, uma outra crise econômica resulta numa queda de suas vendas e isso o deixa “*sem energias*” para enfrentar o caminho que o leva até lá. A sua presença, no entanto, chamou a atenção para o fato de que, além das transformações também ocorreram permanências na praça. Esse personagem fez parte da infância das crianças de outrora, e continua sua história com as crianças de hoje. O carrinho que utiliza ainda é o mesmo dos meus tempos de criança.

Bibliografia

- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação. São Paulo: PUC, 1989.
- ARENDRT, Hanna. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. ed. 34. Tad. Vinicius Mazzau. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tad. Vinicius Mazzau. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2002.
- CARRIJO, Gilson goulart. *Fotografia e a invenção do espaço urbano: consideração sobre a relação entre estética e política*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2002.
- CARVALHO, Aurea Maria de F. *Fotografia como fonte de pesquisa*. Rio de Janeiro: FNPM/Museu Imperial, 1986.
- GRANET-ABISSET, Anne Marie. *O historiador e a fotografia*. In: Revista Projeto História, São Paulo. (24), Jun.2002.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹³ Idem.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Cidade ou Cidades*. In: Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, (23), 1994.

MONNET, Jérôme. *O Alibi do Patrimônio: Crise, Gestão Urbana e Nostalgia so Passado*. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, RJ, n. 20, p. 227, 1991

SALDANHA, Nelson. *O Jardim e a Praça: O Privado e o Público na Vida Social e Histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.